

MOACYR SCLiar: CONTADOR DE HISTÓRIAS E FORMADOR DE LEITORES

Talita Felix Schneider¹

1 Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar o quanto a atividade de contar histórias pode auxiliar na formação de leitores. Para isso, se faz algumas considerações sobre a literatura infanto-juvenil e sobre a Hora do Conto, especificamente, mostrando suas especificidades e suas características. Como exemplo da eficácia da Hora do Conto na formação do leitor, demonstra-se o caso do autor Moacyr Scliar que, desde sua infância, teve uma forte influência de seus pais no que se refere à leitura, nos relatos de histórias e na disponibilidade dos livros apresentados a ele. O leitor se forma desde o início da vida do ser humano. Para que isso ocorra, os estímulos externos (família, escola, livros, Hora do Conto) necessitam estar presentes no cotidiano da criança e do jovem desde sempre.

A literatura infanto-juvenil começa no momento em que a família burguesa se constitui. Segundo Zilberman e Magalhães (1987), é nessa circunstância que a criança, antes vista apenas como um adulto em tamanho reduzido, passa a ser valorizada. O infante, agora, ascendendo para uma categoria de ser especial que necessita de cuidados, recebe toda uma atenção a qual não recebia. A preocupação dos pais em relação à educação de seus filhos faz com que a escola e a literatura infanto-juvenil sejam convocadas a auxiliá-los nessa tarefa.

Segundo Zilberman e Magalhães (1987), a sociedade moderna, que reconhece a importância da infância para o desenvolvimento do ser humano, vai se preocupar em direcionar sua produção para a preservação da criança. Daí surge a literatura infanto-juvenil que servirá para formar a criança em seu estado psíquico e social como ser capaz de assumir os valores da classe burguesa os quais passam a reger as relações sociais e econômicas a partir do século XVII.

As autoras resumem, assim, a necessidade do surgimento da literatura infanto-juvenil para a sociedade moderna:

¹ Graduada em Letras – Português (Unisinos); Mestranda em Letras/Teoria da Literatura (PUCRS); Bolsista Integral (CAPES); Pesquisadora no Projeto Interstícios: Literatura Juvenil e Formação do Leitor – Arte e Indústria Cultural; Focos de estudo: Literatura juvenil; Produção literária juvenil de Moacyr Scliar.

A emergência deste gênero explica-se historicamente, na medida em que aconteceu estreitamente ligada a um contexto social delimitado pela presença da família nuclear doméstica e particularização da condição pueril enquanto faixa etária e estado existencial. (ZILBERMAN e MAGALHÃES, 1987, p.11)

A partir das mudanças ocorridas na sociedade entre o período da Idade Média e da Idade Moderna, é que surgirá a concepção de infância adotada atualmente. É no século XVIII que pela primeira vez um estudioso se refere à criança como um ser especial, diferente do adulto, com suas dificuldades e características cognitivas próprias de seu estágio primário de desenvolvimento.

Jean-Jacques Rousseau é o primeiro autor que tratou do tema infância. Esse assunto foi desenvolvido em seu livro *Emílio ou da Educação*, escrito de 1757 a 1762, no qual podem ser observadas várias reflexões acerca da criança e de seu desenvolvimento. Ele assim afirma em seu prefácio:

Não se conhece a infância: com as falsas ideias que dela temos, quanto mais longe vamos, mais nos extraviamos. Os mais sábios apegam-se ao que importa que saibam os homens, sem considerar que as crianças se acham em estado de aprender. Eles procuram sempre o homem na criança, sem pensar no que esta é, antes de ser homem. (ROUSSEAU, 1968, p.6)

Antes da difusão das ideias de Rousseau, a criança era vista como um adulto em tamanho menor. Suas obrigações eram as mesmas de seus pais e familiares. Ela não era poupada de nada. Participava de todos os eventos da comunidade como festas, enterros, colheitas etc. Philippe Ariès (1981) refere-se à questão da concepção da criança na Idade Média:

Se a arte medieval representava a criança como um homem em escala reduzida, isso se prendia não à existência, mas à natureza do sentimento de infância. A criança era portanto diferente do homem, mas apenas no tamanho e na força, enquanto as outras características permaneciam iguais. Seria então interessante comparar a criança ao anão, que ocupa um lugar importante na tipologia medieval. (ARIÈS, 1981, p.14)

Rousseau refere-se à infância como uma fase especial e a considera um momento essencial na construção do indivíduo. É na infância que se constroem as referências de moral e valor que nortearão as atitudes do futuro adulto. “Os primeiros desenvolvimentos da infância ocorrem quase todos ao mesmo tempo. A criança aprende a falar, a comer, a andar quase ao mesmo tempo. É em verdade a primeira fase de sua vida” (ROUSSEAU, 1968, p.57). O autor ainda afirma:

A humanidade tem seu lugar na ordem das coisas; a infância tem o seu na ordem da vida humana; é preciso considerar o homem no homem e a criança na criança. Assinalar a cada um seu lugar e nele fixá-lo, ordenar as paixões humanas segundo a constituição do homem é tudo o que podemos fazer para seu bem-estar. (ROUSSEAU, 1968, p.61)

É para suprir algumas das necessidades dessa criança, agora parte importante da estrutura familiar, que a literatura infanto-juvenil surge como suporte na formação do indivíduo como cidadão atuante na sociedade.

A literatura infanto-juvenil vai justamente respeitar e fazer cumprir a frase de Rousseau: “A natureza fez as crianças para serem amadas e socorridas [...]” (1968, p.72). É nesse sentido que a literatura vem auxiliar os pais no preenchimento das necessidades das crianças, que, ao passarem a maior parte do tempo sozinhas, precisam se identificar com as histórias presentes nos livros. A fantasia apresenta-se como veículo de aproximação entre a criança e o mundo.

Essa literatura em particular, dentro desse contexto de mudanças sociais, serve como organizadora do caos em que a criança vive, assim como do mundo que a cerca. Uma de suas funções é ajudar o infante a elaborar os problemas existentes em sua realidade. Zilberman escreve sobre a literatura infanto-juvenil:

Ela sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra é concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com o destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois a conhecê-lo melhor. (ZILBERMAN, 1994, p.22)

Com a família dividida pela necessidade dos pais de trabalhar fora para o sustento do lar, suprimindo assim o mercado industrial de então, a criança fica desamparada, dividida entre a clausura da escola e a solidão do lar. Sobre essa condição da sociedade moderna, Held (1980) sustenta:

Vivemos numa sociedade em que as crianças se sentem cada vez mais condenadas ao silêncio, à solidão: ausências prolongadas de pais que trabalham; ritmo de vida onde estamos sempre correndo; desaparecimento das reuniões familiares substituídas, quase sempre, pela televisão, devendo dar-se por feliz quando esse aparelho sacrossanto não se apossa da refeição, quando todos olham, escutam e, principalmente, se calam. A criança reprime curiosidades que gostaria de contar, descoberta que seria tão bom se pudesse partilhar com alguém. Estoca na memória e reprime. Cala-se. Cala-se, e o desejo de diálogo a submerge. (HELD, 1980, p.139)

Sem a presença dos pais, a troca afetiva e de conhecimento se perde no vazio das relações humanas e a criança passa a buscar consolo na fantasia presente nos livros de histórias infantis. O livro é promovido à condição de uma espécie de “amigo” que conforta o infante e o faz entender melhor a realidade na qual vive. Zilberman refere-se ao livro e ao texto destinado para crianças:

É desta coincidência entre o mundo representado no texto e o contexto do qual participa seu destinatário que emerge a relação entre a obra e o leitor. Pois, quanto mais este demanda uma consciência do real e um posicionamento perante o mesmo, tanto maior é o subsídio que o livro de ficção tem a lhe oferecer, em decorrência de suas virtualidades sintetizadoras do todo social, anteriormente descritas. E a criança é um indivíduo que se resente desta abertura de horizontes, consequência lógica da situação clausural a que foi lançada. (ZILBERMAN, 1994, p.23)

Esse refúgio da criança através da fantasia é abordado pela autora: “É o maravilhoso que endossa, de modo substitutivo, a pequena participação da criança no meio adulto. Por meio da magia, ela foge às pressões familiares e realiza-se no sonho” (ZILBERMAN, 1994, p.46).

O livro que se destina ao público infantil e juvenil deve ser criado a partir de adaptações as quais cabe ao escritor adulto cumprir. São elas: adaptação do assunto, da forma, do estilo e do meio. Somente com essas adaptações é que o objeto livro consegue se adequar aos anseios infantis trazendo conhecimento e deleite a crianças e jovens. Segundo Held (1980), o adulto, ao escrever, coloca-se no lugar da criança ou do jovem para poder criar histórias que preencham suas necessidades e expectativas. Assim, tem-se a diminuição da assimetria, do desnível cognitivo, existente entre a criança e o adulto. A autora afirma: “Não poderíamos escrever um bom livro para crianças se fôssemos alheios a seu mundo” (HELD, 1980, p.137).

Nesse âmbito, a literatura infanto-juvenil surge para suprir as necessidades da criança que, através da fantasia, supera suas angústias num processo de catarse. Segundo Zilberman: “Na literatura infantil moderna, muitas vezes a fantasia é utilizada de modo reparatório, enquanto manifestação de desejo insatisfeito, ou de modo escapista, ficando a criança encerrada na sua impotência” (ZILBERMAN, 1987, p.VI). Held (1980) confirma esse tom catártico das histórias ao se referir a seus personagens e temas:

Com relação aos clássicos contos de fadas, às tradicionais histórias de bruxas, gigantes, fantasmas, dragões ou lobos, contadas de modo sério e horrífico – que, aliás, têm também sua função e são, às vezes, catárticas, desde que não sejam propostas prematuramente – certa mudança desses temas aguça o espírito crítico, extirpa do interior a credulidade, o trágico e a angústia. (HELD, 1980, p.176)

Com a necessidade de fantasia que a criança começa a desenvolver, o livro passa a ter importância maior na sociedade, assim como a escrita. Esta, ao se tornar consagrada, assume o papel principal na vida das pessoas, deixando a oralidade em segundo plano. A esse respeito, Held escreve:

O aparecimento da escrita parece favorecer a exploração dos homens antes de sua iluminação. Se minha hipótese estiver exata, será preciso admitir que a função primária da comunicação escrita é facilitar a submissão. O emprego da escrita com fins desinteressados, com o objetivo de tirar satisfações intelectuais e estéticas, é resultado secundário, mesmo que não se reduza, o mais das vezes, a meio para reforçar, justificar ou dissimular o outro. (HELD, 1980, p.223)

A criança necessariamente precisa passar por um período de leitura oral em coletividade, que pode ser realizada através dos pais ou de uma simples conversa, para poder se tornar um leitor maduro. É através da leitura que a criança poderá se libertar do adulto, podendo tornar-se independente na busca pelo conhecimento. Nessa fase inicial do desenvolvimento da criança, o mais importante são as relações afetivas. Held, em seu livro *O imaginário no poder*, aborda a questão da oralidade no princípio da vida de leitor da criança, afirmando o quanto essa fase é essencial para a formação de um leitor maduro e crítico.

É capital, entre outras, a leitura da história em voz alta. Pois é a voz do adulto que não só informa a criança quando poderá haver inquietude, mas a auxilia também, por suas entonações, a traçar a linha de demarcação entre o real e o ficcional, a aprender o humor de um texto em vez de torná-lo ao pé da letra, que prepara, enfim, esse verdadeiro leitor que será capaz de uma leitura entrelinhas, que é a verdadeira leitura. (HELD, 1980, p.49)

Juntamente com os pais, a escola assume a tarefa de mostrar à criança que o texto escrito é peça importante de sua vida. A partir desse momento, o infante passa a tomar consciência de que pode ter acesso aos mesmos textos que o adulto e, com isso, começa a adquirir certa autonomia. Zilberman declara sobre essa questão:

Quando se examina o universo da criança, verifica-se que o contato original dela com o mundo se faz por intermédio da audição e da recepção de imagens visuais. O texto escrito lhe é imposto tão somente após a interferência e intermediação da escola. A partir de então, ela tem acesso às mesmas modalidades de cultura,

podendo fazê-lo de modo autônomo, por libertar-se paulatinamente do adulto, senhor da voz que até então lhe transmite conhecimento. (ZILBERMAN, 1994, p.67)

Segundo Perrotti (1986), sendo obra de arte, a literatura é sempre aberta, multifacetada. É isso que vai permitir ao leitor mirim preencher os espaços vazios do texto e se emancipar através de sua imaginação. A criança precisa sentir prazer ao ler para que se transforme, mais tarde, num leitor. A quebra do horizonte de expectativas faz com que haja a emancipação da criança. Segundo Zilberman e Magalhães (1987), Jauss é o primeiro teórico a abordar o conceito do horizonte de expectativas. Este, ao ser superado pela criança, a torna mais consciente de seu mundo e de sua própria realidade como infante. A autora sustenta que o horizonte de expectativas

é igualmente uma consciência ou um saber social, habitado por cada indivíduo, que avaliza não apenas a aceitação da obra de arte, mas a compreensão dos eventos num dado tempo. É, portanto, uma atitude hermenêutica e uma integração à história, porque relaciona o ser humano à sua época, determinando a apreensão dos fatos culturais e situando-o no tempo. Passa constantemente por uma evolução, mas supõe também uma tomada de posição por parte do sujeito, na medida em que o conhecimento terá como meta a ampliação deste horizonte, absorvendo a tradição do saber e visando à emancipação individual. (ZILBERMAN e MAGALHÃES, 1987, p.77)

Esse horizonte de expectativas, ao ser quebrado, permite o alargamento da visão de mundo, condição mínima para o amadurecimento. A ligação do livro com a realidade da criança é que faz dele um importante suporte de conhecimento social e pessoal. Nesse sentido, a Hora do Conto, utilizando diversos tipos de livros como suporte na sua preparação, tem papel fundamental no crescimento global do infante. É nesse momento que o adulto começa a formar o intelecto dela, escolhendo livros que a farão quebrar seu horizonte de expectativas, dando-se assim o amadurecimento. Held afirma: “Conforme o que for contado ou lido aos pequenos, sua visão futura do mundo Serpa modificada, e depende dessas primeiras co-leituras em família, na biblioteca ou na escola maternal, para que essa visão seja visão poética, pois a afetividade da criança se expande quando ouve as palavras” (1980, p.209).

Além disso, Held ainda observa o quanto a escolha do livro para a Hora do Conto é importante, na medida em que fará a criança aguçar seu gosto literário, tornando-se, assim, um leitor maduro.

Um livro para crianças deve ter real qualidade literária: é exatamente porque se destina às crianças que é preciso cuidar da pureza, da riqueza e da beleza da linguagem. É importante que os livros infantis não sejam apenas legíveis em função da idade à qual se destinam, mas sejam capazes de suscitar a adesão de seus leitores pela própria qualidade de sua expressão literária. (HELD, 1980, p.210)

Assim como não se pode utilizar qualquer livro na Hora do Conto, não é qualquer pessoa que pode contar histórias e lidar com a oralidade. Como a criança tem o adulto como sua referência, é ele que detém o poder de desempenhar essas duas funções. O contador de histórias é alguém especial, capaz de contagiar seu público através da oralidade, num clima de afeto e mútuo respeito. Held assim define o que é ser contador:

O que é o contador, quer se trate da história oral, quer da escrita, senão aquele que não deve se esquecer de sua infância, que recusa a esquecê-la e deixar-se normalizar completamente? Aquele que, por isso mesmo, se torna cúmplice da criança, que a auxilia a prolongar sua brincadeira, a construí-la, a enriquecê-la, que a faz passar da brincadeira de símbolo comum para o que já toma forma de criação. (HELD, 1980, p.221)

2 Contar histórias para formar leitores

Os estudos sobre a Hora do Conto, atualmente, apresentam conceitos muito vagos acerca dessa arte que está presente na vida do homem desde seus primórdios. No início dos tempos, o homem narrava para seus familiares as peripécias do cotidiano, integrando a família numa conversa marcada pela tradição e pelo afeto. Betty Coelho, em seu livro *Contar histórias: uma arte sem idade*, registra esse fato:

Perder-se na noite dos tempos – ou seria madrugada? – a origem da arte de narrar. Fico a pensar no homem primitivo, à entrada da caverna, noite de luar, fogueira acesa para aquecer o corpo. De que falariam entre si? Da faina do dia, caçadas, peixes que pescaram, chuva, sol, contendras, troféus, estrelas distantes que talvez fossem deuses, lendas contadas pelos antepassados. Certamente esse homem primitivo fazia silêncio para ouvir aquele que melhor contasse uma história e haveria de ser o que melhor a revestisse de detalhes, sem fugir ao essencial, o que tivesse mais dons de graça, fantasia, aquele que contasse com emoção – como se estivesse vendo o que sua própria fala evocava na imaginação dos companheiros. (COELHO, 2002, p.8)

Coelho (2002) refere-se às características da Hora do Conto e mostra que essa atividade não pertence exclusivamente à infância, mas pode acompanhar o ser humano em todos os momentos de sua vida. Segundo a autora, a Hora do Conto é a prática da leitura que

lida com a palavra viva; é o momento no qual um narrador conta uma história (ficcional ou não) para um público ouvinte.

Para Barcellos (1995), a Hora do Conto é muito importante para o desenvolvimento da criança, já que pode fazer a ligação entre fantasia e realidade. Através da narração de histórias e da participação nas mesmas, a criança consegue entender o mundo conflituoso a sua volta e, muitas vezes, fugir dele através da imaginação e da fantasia presente nas histórias. A Hora do Conto permite à criança exercitar a imaginação e ter um contato mais íntimo com o livro. É através da Hora do Conto que o infante entra no mundo literário. Sendo incentivada desde o início de sua vida, a criança provavelmente se tornará um adulto leitor. Para isso a Hora do Conto deve ser também a Hora do Encanto, na qual as crianças podem se deliciar com a fantasia existente nas histórias infantis.

A escolha da história é o passo mais importante que o narrador deve dar antes da narração. Neste ponto do trabalho cabe uma ressalva: Barcellos (1995), Coelho (2002) e Dohme (2000), ao se referirem ao contador de histórias, utilizam o termo narrador. Na realidade, o vocábulo narrador é uma categoria de análise textual da Teoria Literária, não devendo ser usado como sinônimo de contador, já que o narrador é um ser que faz parte do mundo diegético e o contador faz parte do mundo real. Ligia Chiappini Moraes, em seu livro *O foco narrativo*, define narrador com “a voz que narra os acontecimentos, na ficção. Às vezes é personagem, às vezes não” (1997, p.26). Sobre a escolha da história Coelho (2002) escreve: “A escolha da história funciona como uma chave mágica e tem importância decisiva no processo narrativo. Falei chave, não falei varinha. Chave requer habilidade para ser manejada – habilidade que se conquista com empenho e estudo” (2002, p.20). A história é o elemento que faz a Hora do Conto existir. Sem história, não há o que contar e, se não há o que contar, não há Hora do Conto.

A Hora do Conto, na medida em que é preparada sempre com o auxílio de um livro, segundo Barcellos (1995), é capaz de despertar o interesse do ouvinte pela leitura. A criança, tendo contato com o livro através do contador de histórias, tende a imitar o adulto na leitura dos livros. O contador, ao mostrar o livro no momento da Hora do Conto, valoriza-o, fazendo com que a criança passe a se interessar por ele.

Bamberger, em seu livro *Como incentivar o hábito da leitura* (2002), declara que os fatores que determinam os interesses das crianças são suas atitudes e experiências emocionais. É nesse sentido que o contador de história deve procurar despertar a emoção do ouvinte, fazendo com que ele se identifique com os personagens da história e, posteriormente, se interesse em lê-la. Segundo o autor: “As crianças sentem prazer em colocar-se no lugar das

personagens dos livros, em sentir e experimentar com elas. Querem identificar-se, receber uma atenção pessoal, tomar parte nos acontecimentos que se desenrolam no livro” (2002, p.45). Aguiar e Bordini, em seu livro *Literatura: a formação do leitor* (1988), complementam a idéia de Bamberger, referindo-se ao ato de ler:

O ato de ler é, portanto, duplamente gratificante. No contato com o conhecido, fornece a facilidade da acomodação, a possibilidade de o sujeito encontrar-se no texto. Na experiência com o desconhecido, surge a descoberta de modos alternativos de ser e de viver. A tensão entre esses dois pólos patrocina a forma mais agradável e efetiva de leitura. (AGUIAR e BORDINI, 1988, p.26)

Jolibert, em seu livro *Formando crianças leitoras*, sugere uma definição sobre o ato de ler mais ampla. “Ler é questionar algo escrito como tal a partir de uma expectativa real (necessidade – prazer) numa verdadeira situação de vida” (1994, p.14). Quem lê é capaz de relacionar a leitura com seu mundo cotidiano.

Para proporcionar o maior aproveitamento da leitura por parte da criança, se faz necessário escolher livros que se adéquem às fases de leitura. Bamberger (2002) propõe cinco fases: “a) a idade dos livros de gravuras e dos versos infantis (de 2 a 6 anos); b) idade do conto de fadas (de 6 a 9 anos); c) idade das histórias ambientais ou da leitura fatural (de 9 a 12 anos); d) idade da história de aventuras: realismo aventuroso ou fase de leitura não-psicológica orientada para o sensacionalismo (de 12 a 14 anos); e) os anos de maturidade ou o desenvolvimento da esfera estético-literária da leitura (de 14 a 17 anos)” (2002, p.33).

Um dos estímulos à leitura é a promoção pelos pais, segundo Bamberger (2002). O autor afirma que a prontidão para a leitura depende muito do ambiente literário que reina na casa da criança. Percebe-se que a Hora do Conto se faz presente em todo o aprendizado de leitura da infância. Através dela, a criança tem seu primeiro contato com os livros. Bamberger (2002) sugere conselhos aos pais de como ajudar a formar filhos leitores.

Conselhos aos pais: contar histórias e ler em voz alta para os filhos com a maior frequência possível; organizar uma biblioteca pessoal para o filho, apropriada à sua idade, aos seus desejos, às suas necessidades e à fase de desenvolvimento em que ele se encontra; instruir os filhos para gastarem parte do seu dinheiro miúdo em livros; zelar para que se reserve algum tempo para a leitura no maior número de noites possíveis, no qual cada membro da família lerá o seu próprio livro; participar da leitura dos filhos, isto é, conversar sobre o que eles estão lendo; ajudar os filhos a reconhecer que podem aplicar e usar o que lêem, que os livros dão segurança, luz e beleza às suas vidas. (BAMBERGER, 2002, p.72)

Uma outra maneira de formar leitores é através do estímulo à leitura pela escola. A escola cumpre papel de continuação do estímulo começado pelos pais. Bamberger registra que a maioria das escolas procura fazer atividades que estimulem a leitura, como a Hora do Conto. O teórico alerta que as escolas param com projetos de leitura no momento em que a criança chega à faixa dos treze anos quando sai do Ensino Fundamental. Isso faz com que os alunos, sem o estímulo da escola, parem de ler.

Aguiar e Bordini apontam que a educação do leitor, na escola, não deve ser impositiva, mas sim abrir-se para momentos de total deleite, sem cobranças posteriores, como provas, trabalhos, fichas de leitura. “Como os sentidos literários são múltiplos, o ensino não pode destacar um conjunto deles como meta a ser alcançada pelos alunos” (AGUIAR e BORDINI, 1988, p.17). Bamberger resume, assim, a necessidade do estímulo à leitura e da Hora do Conto para a criança:

Os fatores decisivos nesse processo são o prazer proporcionado pelos livros, que começa a ser experimentado em idade pré-escolar (através da narração de histórias e da leitura em voz alta), o ensino da leitura acompanhado pela satisfação no progresso e no êxito, levando em conta, ao mesmo tempo, as múltiplas possibilidades e necessidades, e o encorajamento de toda e qualquer motivação possível para ler. (BAMBERGER, 2002, p.92)

3 Moacyr Scliar: contador de histórias

Moacyr Scliar foi brilhante contador de histórias. Filho do casal judeu Sara e José Scliar, nasceu em Porto Alegre, em 23 de março de 1937, e morreu, nesta mesma cidade, em 27 de fevereiro de 2011. Desde menino, no bairro Bom Fim, reduto judaico da capital gaúcha, Scliar escrevia textos ficcionais, ganhando alguns prêmios na escola e nos círculos culturais do bairro e da cidade onde morava. Formou-se médico, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, especializando-se em Saúde Pública. Sua estréia como escritor, embora ele não a considere assim, foi em 1962, com o livro *Histórias de um médico em formação*, no qual escreve crônicas sobre o seu cotidiano como médico no Hospital de Pronto Socorro de Porto Alegre.

Em 1968, publica seu primeiro livro puramente literário, segundo ele mesmo, *O carnaval dos animais*; livro de contos com temáticas que, na maioria das vezes, foge ao real, caindo, no que os críticos denominam, literatura fantástica. Sua trajetória literária teve grande influência de seus pais: sua mãe, professora primária, o incentivava comprando livros e despertando-lhe o gosto pelas histórias; seu pai, dono de uma fábrica de móveis, lhe deu, num

natal, sua primeira máquina de escrever e, assim, possibilitou o aperfeiçoamento gradativo do escritor mirim do Bom Fim, que, do Bom Fim, conquistou o mundo. Sobre sua motivação para escrever, Scliar relata num de seus livros:

Quando as pessoas me perguntam quando e por que me tornei escritor, retorno de imediato à minha infância, vivida no bairro do Bom Fim, em Porto Alegre. Era um bairro de imigrantes, gente pobre, mas que tinha uma intensa vida em comunidade – como se fosse uma única e grande família. Fazia parte dos costumes deles reunirem-se todas as noites na casa de alguém para, tomando chá ou chimarrão, contar histórias. Era a diversão possível numa época em que a tevê não existia e em que o cinema era muito caro. Essas histórias, que me encantavam, foram minha primeira motivação para a literatura. A esta, outra logo se acrescentou. Minha mãe que, diferentemente de outras pessoas do bairro, conseguira estudar e era professora do ensino fundamental, introduziu-me muito cedo no mundo da literatura. Uma vez por mês levava-me a uma grande livraria, para que eu comprasse livros. O que me dava grande alegria, mas me deixava preocupado. Eu sabia que o nosso orçamento era apertado e temia que aquele dinheiro pudesse fazer falta em casa, para roupas, quem sabe até comida. A resposta de minha mãe era sempre a mesma: “Em nossa casa pode faltar qualquer coisa, mas não podem faltar livros”. (SCLIAR, 2003, p.61)

Em seus livros, Scliar demonstra o quanto sua vivência com os livros e com as histórias, desde pequeno, foram fundamentais para sua formação enquanto leitor e escritor. A palavra sempre o fascinou e essa paixão acabou envolvendo sua vida por completo a ponto de torná-lo um dos maiores escritores não só do rio Grande do Sul, mas do Brasil e do mundo. Sua temática voltada para o cotidiano, para a questão judaica, para a realidade do seu país (Brasil), traz uma carga não só de conhecimento, mas de sentimento, já que o autor diz que uma escrita sem emoção fica incompleta.

Escrever, para mim, é antes de mais nada uma excitante descoberta, um ato de alegria. Não consigo aceitar um texto carrancudo; para mim, o humor, a fantasia, a emoção são componentes essenciais da ficção. Escritor é aquele que tem uma boa idéia para uma história e sabe transformar emoção em textos. Para isso, o domínio da palavra é essencial; é um domínio que a gente adquire com a prática e com muito trabalho: escrever é reescrever. (SCLIAR, 2007, p.111)

Um dos momentos mais marcantes de sua vida como escritor foi a eleição para a Academia Brasileira de Letras. Em 31 de julho de 2003, ocorreu a eleição e em 22 de outubro do mesmo ano, ocorreu a posse de Scliar. Além desse reconhecimento, recebeu muitos prêmios pela vasta e talentosa obra que produziu: prêmio Jabuti, em 1988, 1993 e 2009; prêmio APCA, em 1989; prêmio Casa de las Americas, em 1989.

Em sua obra juvenil, Scliar apresenta uma gama de trinta e dois livros publicados, em várias editoras e todos com mais de uma impressão, evidenciando sua aceitação no mercado.

Sua estréia na produção de livros para os jovens leitores se dá com o livro *Cavalos e obeliscos*, em 1981. Nos seus romances adultos, o escritor gaúcho é frequentemente apontado pelos críticos literários como autor ligado ao gênero fantástico, por apresentar uma explicação muitas vezes irreal para fatos e acontecimentos reais. Já em sua produção juvenil, Scliar se volta para temas ligados à adolescência, utilizando uma linguagem criadora que aproxima o leitor de suas histórias. Sobre sua produção literária para crianças e jovens o autor declara: “Mas continuo pensando no jovem escritor que fui. E é por isso que gosto de escrever para gente jovem; a juventude é a fase da vida em que um livro pode mudar a cabeça da gente. Livros fizeram a minha cabeça. Espero que os meus façam a cabeça de meus leitores” (SCLIAR, 2007, p.112).

Sabe-se que a ficção, por norma, não espelha o real, porque o universo evocado não é verdadeiro e, sim, a mera recriação de uma realidade. Mas isto não implica que, às vezes, a verdade nua e crua não encontre um meio de soltar-se da aparente fantasia. Scliar, ao apoderar-se dos fragmentos da realidade e ampliá-los exageradamente, recria personagens, fenômenos ou acontecimentos insólitos, misteriosos, usando a inteligência e uma fértil fantasia imaginativa, que não demanda uma fuga da realidade, mas a adesão a ela, sem a intromissão de regras, hábitos, preconceitos e superstições. Consciente do desenvolvimento acelerado do mundo e da tecnologia avançada, Scliar é aquele que tudo sabe, tudo sente, tudo vê tratando-se do desconcerto do mundo. Apesar de estar comprometido com a Arte, sente-se, também, responsável pelo destino da humanidade.

Ao denunciar as incertezas, a solidão, o medo, o ódio, as injustiças, as farsas não o faz com finalidade de recriminar a condição do homem atual, mas, com esperança de que seu olhar crítico seja um modo de resgatar, redimir, reconstruir a vida do homem frustrado existencialmente. Essa redenção não é individual, pois dela participam todos os homens que fazem com que o mundo evocado, fantasticamente, espelhe a totalidade do mundo que os cerca. Assim, às grandezas, às misérias, às farsas, aos dramas, às verdades, às incompreensões vividas por suas personagens, juntam-se as suas próprias vivências, sejam elas fantásticas ou não. Por ser muito tênue a fronteira entre o mundo visível e o mundo invisível, na obra de Scliar, não existe limites entre a realidade e a ficção.

Nos livros juvenis de Scliar, há uma notável intertextualidade, como em toda sua obra. Vários livros juvenis recorrem, em seus enredos, à personagens, a lugares, a fatos existentes em outros livros clássicos da literatura brasileira. O que reforça a idéia de que o leitor juvenil de Scliar precisa ser um leitor mais maduro e experiente em termos de outras leituras, para que possa entrar, de maneira mais eficaz e prazerosa, no seu universo ficcional. Essa também

é uma de suas formas de incentivar a leitura, mostrando para seus leitores outras possibilidades de livros afins aos que ele escreve, em termos de temática, de estrutura, de fantasia. Nesse ponto também percebe-se a influência dos pais como contadores de histórias. Assim como eles, Scliar conta suas histórias com graça e humor e sabe transformar pessoas em personagens, acontecimentos em situações ou cenas. A atividade de contador de histórias é uma herança que ele traz de pequeno. Segundo suas palavras: “quando escrevo, não posso deixar de pensar, com melancólica ternura, no menino que escrevia suas historinhas em papel de embrulho, no menino que sempre acreditou na magia da ficção. A este menino que fui e a todos os meninos (e meninas) dedico todos os meus livros” (SCLIAR, 2005, p.56). Moacyr Scliar continua, através de seus livros, formando leitores e, quem sabe, outros possíveis contadores de histórias como ele.

4 Conclusão

A literatura infanto-juvenil, convocada a auxiliar a criança a resolver seus conflitos internos, vai servir como fonte de valorização da infância. A criança, encarada como ser especial que necessita de cuidados específicos de acordo com sua idade, passa a ter uma produção cultural que se preocupa com seu bem-estar, com sua formação. Os livros infanto-juvenis, nesse âmbito, colaboram para aproximar a criança do modo da fantasia que pode lhe proporcionar infinitas experiências de vida e de sentimento. Através da sua identificação com os personagens das histórias, a criança transgride regras impostas pela sociedade, proporcionando sua emancipação enquanto alargamento da sua visão de mundo. O preenchimento de suas expectativas faz da criança um ser mais realizado e completo.

A Hora do Conto foi caracterizada como atividade que permite a valorização da oralidade e a aproximação entre as pessoas. Seus diversos tipos de realização a tornam experiência dinâmica, enriquecedora do mundo monótono no qual a criança vive atualmente. Através da sua preparação baseada no livro, permite o incentivo à leitura. Para que isso ocorra, se faz necessário que um maior número de pais e professores adotem a prática da Hora do Conto como meio de valorizar a leitura e a afetividade. A Hora do Conto se consolida como veículo de formação de leitores, na medida em que se constrói através das histórias presentes nos livros. Cabe ao contador de histórias mostrar o livro à criança, instigando-a a ler outros livros similares àquele do qual gostou. Além de ser preparada com histórias contidas em livros, a Hora do Conto também pode ser articulada com histórias armazenadas na memória do contador, as quais podem se referir à infância ou a acontecimentos mais recentes

de sua vida. É o caso do autor Moacyr Scliar que baseia sua criação literária, muitas vezes, em suas vivências da infância, nas histórias que ouviu quando pequeno, nos fatos que marcaram a vida desse escritor desde menino no Bom Fim.

A Hora do Conto mostrou-se importante veículo de formação de leitores. Uma experiência mágica na qual contadores e ouvintes se interligam pela fantasia e pelo encantamento. A Hora do conto é, assim, o momento pelo qual a criança, através da narração de uma história, de forma lúdica e prazerosa, feita por um adulto contador de histórias, entra no mundo da fantasia presente nos livros infanto-juvenis.

Nos dias atuais, a falta de leitores entre os adultos é preocupação constante para professores e educadores. A criança só se torna um adulto-leitor se foi estimulada o suficiente desde o princípio de sua formação como indivíduo. O gosto pelas histórias começa na voz dos pais contando histórias, passa pelos contadores, professores, educadores, os quais assumem responsabilidade de introduzir a criança no mundo da literatura. A Hora do Conto aparece como uma solução na luta pela formação de leitores.

Referências

- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1989.
- AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- AVERBUCK, Ligia. *Literatura em tempo de cultura de massa*. São Paulo: Nobel, 1984.
- BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito de leitura*. São Paulo: Ática, 2002.
- BARCELLOS, Gládis Maria Ferrão; NEVES, Iara Conceição Bitencourt. *A hora do conto: da fantasia ao prazer de ler*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1995.
- CHAVES, Otilia. *A arte de contar histórias*. Rio de Janeiro: Biblioteca de Educação Religiosa, 1952.
- COELHO, Betty. *Contar histórias: uma arte sem idade*. São Paulo: Ática, 2002.
- DOHME, Vania D'Angelo. *Técnicas de constar histórias*. São Paulo: Informal Editora, 2000.
- HELD, Jacqueline. *O imaginário no poder*. São Paulo: Summus, 1980.
- JOLIBERT, Josette. *Formando crianças leitoras*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

- LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores e leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.
- MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1984.
- MORAES LEITE, Ligia Chiappini. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 1997.
- PERROTTI, Edmir. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone, 1986.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da educação*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.
- SCHNEIDER, Talita Felix. *Hora do Conto: o resgate da oralidade perdida*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras). São Leopoldo: UNISINOS, 2003.
- SCLIAR, Moacyr. *Memórias de um aprendiz de escritor*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.
- _____. *A palavra mágica*. São Paulo: Moderna, 2007.
- _____. *O texto, ou: a vida – uma trajetória literária*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- _____. *O tio que flutuava*. São Paulo: Ática, 2003.
- _____. *Um sonho no caroço do abacate*. São Paulo: Global, 1995.
- _____. *Uma história só pra mim*. São Paulo: Atual, 2003.
- SOSA, Jesualdo. *A literatura infantil*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- ZILBERMAN, Regina. A literatura e o apelo das massas. IN: AVERBUCK, Ligia. *Literatura em tempo de cultura de massa*. São Paulo: Nobel, 1984.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 1994.
- ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Ligia C. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1987.